

UNIDADE 4: SUBSTÂNCIA, MATÉRIA, FORMA E CAUSA

Objetivos específicos de aprendizagem

- Substância
- Forma e Matéria
- Substância e causa
- O problema da substância

Ao final desta Unidade você deverá ser capaz de:

- Identificar uma tese central
- Dominar a estrutura argumentativa do autor
- Esforçar-se para encontrar uma solução, ao menos provisória, para o problema colocado
- Identificar problemas em aberto após todos os passos realizados ao longo do estudo de uma unidade (questões a serem consideradas em outro momento)

Substância

Como destacamos constantemente, quando procuramos aquilo que sustenta a realidade, podemos dizer que também buscamos sua essência e aquilo que mantém sua unidade (essencial) acima das mudanças (superficiais). Por enquanto, entendemos essência basicamente como aquilo que contribui para a definição de uma coisa ou o conjunto de suas notas essenciais (ou necessárias). Por exemplo, se tomamos “Sócrates”, ao dizermos que ele é “ser humano”, “animal racional” etc., nos referimos à sua essência. Ao passo que, quando dizemos que “Sócrates é músico” ou que “está em Atenas”, nos referimos a acidentes ligados a “Sócrates”; ele sim poderá ser uma referência para tais coisas, sem que elas possam se manter por si mesmas, se definir por si mesmas, apesar de podermos abstrair coisas como “ser músico”, “brancura” etc. Em suma, a essência pode ser entendida como aquilo que faz com que algo “seja o que é”. A essência de “Sócrates” indica aquilo que faz com que ele seja o ser que é ou que ele se caracteriza com um ser. Devemos avançar junto com Aristóteles no entendimento disso “que faz com que algo seja o que é ou que o mantenha como realmente é”.

Recapitulando, aquilo que há de mais básico pode ser considerado de tal forma por expressar três prioridades:

1. Lógica: por ser base de toda definição ou para sustentar as propriedades de algo (enquanto sujeito).
2. Ontológica: por ser fundamento de realidade⁴⁸.
3. Epistemológica: por ser primordial no que se refere ao conhecimento, mesmo que o ser não se revele imediatamente; mas, assim que atingido, ele deve fornecer o conhecimento mais seguro.

⁴⁸ “[...] a substância é aquilo que é básico, aquilo de que depende a realidade das outras coisas. Mas pode-se saber que a substância é básica, sem saber o que ela é. Pode-se saber que a substância é a espécie de coisas mais real que existe, e ainda assim investigar o que essa coisa real é. Essa era a posição de Aristóteles” (LEAR (2006), p. 385).

Ainda podemos explicitar outro aspecto da substância, pois dentre as categorias, apenas a primeira, a da substância pode ser separada (*Met. Z(VII) 1 1028 a32 et. seq.*), o que significa que ela tem certa independência em relação às outras no que diz respeito à definição (sem que isso signifique que ela possa subsistir sem qualquer outra categoria, mas antes que ela pode ser definida independentemente de outra categoria em específico).

Doravante, investigar a causa mais fundamental e o que é ser corresponde a investigar a *substância*, o significado primordial do ser conforme as categorias:

“O ser tem muitos significados [...]. De fato, o ser significa de um lado, essência e algo determinado, de outro, qualidade e quantidade e cada uma das outras categorias.

*Mesmo sendo dito em tantos significados, é evidente que o primeiro dos significados do ser é a essência, que indica a substância (De fato, quando perguntamos a qualidade de alguma coisa, dizemos que é boa ou má, mas não que tem três côvados ou que é homem; ao contrário, quando perguntamos qual é sua essência, não dizemos que é branca ou quente ou que tem três côvados, mas que é um homem ou é um Deus). Todas as outras coisas são ditas ser, enquanto algumas são quantidade do ser no primeiro significado <ou seja, de ser>, outras são qualidades dele, outras são afecções dele, outras, enfim, alguma outra determinação desse tipo” (*Met Z(VII) 1, 1028 a1-a20*; acréscimo e grifos do editor).*

Nesse trecho Aristóteles expõe a noção de substância, que também entra no conjunto daquilo que ele chama de categorias, mas ela é

uma categoria que se destaca entre as outras. Isso faz referência a *Met. Γ(IV)* 2⁴⁹.


Não desenvolveremos mais essa intrigante questão, apenas guardaremos o fato de a substância ser uma categoria primeira, ligada à essência de algo, ao contrário das outras que apenas se referem a predicados que podem ou não se prender a algo e que não têm autonomia por si mesmas para existir de fato. Assim, o ser se exhibe pela categoria da substância.

Devemos notar que a breve apresentação das categorias serviu para que passássemos pela proposta Aristotélica de uma ciência sobre o ser, que deveria investigar a substância, a categoria central à qual as outras se refeririam e mesmo as outras ciências. Na continuação de *Met. Γ(IV)*, Aristóteles continua a investigação sobre o ser do ponto de vista lógico, ao apresentar, por exemplo, o princípio de não contradição. Mas a via que tomaremos para continuar nosso estudo sobre parte da *Metafísica* será a partir da questão introduzida desde o início, das causas e princípios primeiros do ser, daqui por diante referentes à substância. Limitar-se a essa noção de causa da substância é uma opção prudente, mas não fácil, para transitarmos pelo complexo e intrigante livro Z, pois ele tem uma redação difícil e exposição tortuosa. Vale reforçar também que, apesar de termos em vista, em parte, a questão do ser e da modalidade de investigação acerca do mesmo, continuamos a nos limitar aos seres sensíveis, que ao menos nos servirão para revelar em parte a causa da substância.

Aristóteles busca delinear o que realmente torna algo ser ou, doravante, substância. É bom lembrar que os seres ou ao menos uma modalidade dentre eles, os sensíveis, deveriam estar neste plano, e não exclusivamente numa região supra-sensível. Porém, Aristóteles também precisa garantir que mesmo os seres sensíveis possam ser legitimamente *definidos*, como é indicado na passagem acima, e ser objetos de

⁴⁹ Não devemos ignorar um problema, pois a substância, apesar de parecer ser a expressão do ser ou revelar a essência de algo, também é incluída no conjunto das outras categorias, o que a torna também um tipo de predicação ou mesmo uma forma de predicado; isso não conviria a algo que teria mais característica de sujeito. Aristóteles, no entanto, insiste na categoria da substância como forma de predicação que exprime a essência da coisa.

conhecimento. Em certo aspecto, mesmo que seja negada a noção platônica de Forma, é preciso reforçar que algo ligado ao tipo de definição e de conhecimento assegurado pelas Formas platônicas deve ser garantido para os seres na perspectiva aristotélica. Para sediar as substâncias na região sensível, Aristóteles precisa buscar novos argumentos e conceitos.

	<p style="text-align: center;">LEITURA OBRIGATÓRIA</p> <p>ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i>, Livro Z(VII), capítulos 1, 2, 3, 7, 8, 11, 12, 13, 16e 17 (Reale, Vol. II).</p> <p>LEAR, “Um guia turístico para <i>Metafísica VII</i>”. In: <i>Aristóteles: o desejo de entender</i>, cap. 6.6.</p>
---	---

Causa da substância

Busca-se a causa que faz com que algo seja o que é, que seja sua causa de substância, o que pressupõe ainda as noções de unidade e de definição. Chama-nos a atenção que algo como “Sócrates” se torna conhecido e definido, podendo ser considerado substância por ter uma essência ou por ser delineado por suas notas essenciais. Aristóteles põe em campo a noção de forma, mas ao seu modo. A forma representa a essência de algo. Aquilo que define “Sócrates” ou o conjunto de propriedades essenciais de algo como “Sócrates” revela a forma de “Sócrates”.

Contudo, algo como “Sócrates” ou outra coisa qualquer, não se revela apenas por uma forma, que pode ser equivalente à sua essência. Para que tal forma esteja no mundo sensível, é preciso que ela se associe a alguma matéria. A substancialidade de “Sócrates”, ou de “um cavalo”, ou mesmo de “uma mesa” pode ocorrer graças a certas formas. Todavia, essas formas deveriam estar em certas porções de matéria ou ser realizadas por algum meio na matéria.

Um problema acerca da substância

Não é difícil perceber que nos instalamos novamente no discurso da *causalidade*, pois a origem da substância estaria, em princípio, entre a causa material e a causa formal. Eis que também aparece um dos grandes impasses internos à *Metafísica* para colocar o ser ou a substância sob a teoria das causas ou modelos explicativos. Acompanhando *Met. Z(VII)*, detectamos principalmente três candidatos à causa da substância, a matéria, a forma e o composto de ambos. Ainda é acrescentado (por fora) outro candidato, o universal (*Met. Z(VII)* 13).

É importante, como é feito por Lear, em meio à busca pela causa primeira do ser, problematizar melhor aquilo que está em jogo para que se chegue à substância:

*“Existem duas concepções a respeito do mundo que permeiam o pensamento de Aristóteles. A primeira é que o mundo é, em última análise, inteligível. A segunda, que a realidade forma uma hierarquia: na base está a substância, que é ontologicamente independente, e da qual depende a realidade de todas as outras coisas. A tarefa de Aristóteles, no livro Z(VII) da *Metafísica*, é encontrar um candidato a substância que satisfaça ambas as crenças. Tal como Aristóteles o coloca, a substância precisa ser o ‘este algo’, tanto quanto o ‘aquilo que é’. A ideia de algo sendo ‘aquilo que é’ é a de ser uma entidade inteiramente definível e, portanto, inteligível. Somente se algo puder ser tanto ‘aquilo que é’ quanto um ‘este algo’ é que estarão asseguradas a inteligibilidade e o caráter ontologicamente básico da substância. Se Aristóteles não puder mostrar que aquilo que é ontologicamente*

básico é também inteligível, a inteligibilidade última do mundo estará ameaçada”⁵⁰(sem grifo no original).

É importante continuarmos a destacar esse dois requisitos que a substância deve atender. Um, ser base de conhecimento. Outro, ser algo de noção independente, que não possa ser atribuído a outra coisa, podendo, assim, ser algo determinado e independente, passando a sustentar outras coisas (categorias). Aristóteles busca o fundamento de existência e também, junto a este, o fundamento de inteligibilidade no mundo. É muito provável que o mundo não seja inteligível por completo, mas seria interessante encontra o seu aspecto que permite conhecimento, o qual deve ser um ponto fixo, que equivale ao ponto de manutenção das coisas como seres.

A forma e a matéria poderiam ajudar a buscar tal resposta. Todavia, como ressaltamos, não seria fácil para Aristóteles combiná-las, e o fantasma do platonismo ainda o espreitaria. Aristóteles quer manter duas situações, assegurar seres adequados para as coisas do mundo sensível, talvez individualizando-as, mantendo a definição das mesmas, para que haja conhecimento.

Substância e matéria

Ao menos no caso dos seres sensíveis, a matéria seria candidata à substância revelar certa independência, pois não seria atribuída a outra coisa. Mas a matéria já seria má candidata desde *Met. A(I)*, em que Aristóteles criticara seus antecessores por se limitarem principalmente à matéria para explicar as coisas, realizando ao mero isolamento desta. Além disso, seria falsa a independência da matéria, pois ela sempre dependeria de alguma forma.

A matéria ou uma porção da mesma tem principalmente o que podemos chamar de uma capacidade (*dunamis*) para receber certa forma, sem que a matéria possa causar a si mesma ou se *autodeterminar*.

⁵⁰ LEAR (2006), p. 397-398.

“Todas as coisas geradas, seja por obra da natureza, seja por obra da arte, têm matéria: cada uma delas, de fato, tem potencialidades de ser e de não ser e essa potencialidade em cada uma delas é matéria. Em geral, aquilo de que tudo se gera é natureza, e também aquilo segundo o que tudo se gera é natureza (de fato, o que se gera tem uma natureza: por exemplo, a natureza de uma planta ou de um animal); e, ainda, aquilo por obra do que tudo se gera é natureza: natureza entendida no sentido de forma, da mesma espécie do gerado (embora presente num indivíduo diferente): de fato, é sempre um homem que gera outro homem.

Desse modo, portanto, ocorre o processo de geração das coisas gerado segundo a natureza; os outros processos de geração, ao contrário, chamam-se produções [...]. Por obra da arte são produzidas todas as coisas cuja forma está presente no pensamento do artífice” (Met Z (VII) 7, 1032 a20-b1).

Como vimos, há duas maneiras pelas quais a forma pode associar-se à matéria: pela produção ou pela natureza; elas são os dois veículos possíveis das formas. Resta à matéria a *potência passiva* de receber determinação, e isso não convém àquilo que é candidato a substância. De qualquer forma, não se nega que Aristóteles garante lugar para a matéria, mas isso apenas não seria junto à definição da substância.

“No caso das coisas que vemos realizarem-se em diversos tipos de matéria como, por exemplo, no caso do círculo que se realiza tanto no bronze como na pedra ou na madeira, fica claro que nem o bronze nem a pedra fazem parte da substância do círculo, porque

o círculo pode subsistir independentemente deles. Mas nada impede que também as coisas que não se vêem subsistir independentemente <da matéria> se comportem de modo semelhante às precedentes; assim, digamos, mesmo que todos os círculos vistos fossem de bronze, o bronze não seria absolutamente uma parte da forma; seria, porém, difícil para nosso pensamento prescindir dele. Assim, por exemplo, a forma do homem parece sempre em carne e osso e em parte materiais desse tipo: então, essas partes também são partes da forma e da noção? Ou não o são e, sim, ao contrário, matéria, e como forma do homem não se realiza em outros tipos de matéria, não somos capazes de considerar a própria forma independente da matéria” (Met Z(VII) 11, 1036 a31-b7).

Conforme essa passagem, a forma tem certa independência, pois ela não depende de qualquer matéria em específico, mas pode se associar a diversas matérias. É certo que, em alguns casos, haveria modalidades de matérias mais adequadas para algum tipo de forma, como no caso da “carne e osso”, matéria adequada para a forma de *algum* ser humano. Porém, para a forma que define “Sócrates” não é necessário que haja “esta carne e osso”, apesar da necessidade de “carne e osso” para sediar a forma de “Sócrates”. Aristóteles ainda acrescenta que, mesmo que todos os círculos fossem de bronze, isso não significa que bronze entre na definição do círculo, pois não há apenas “um bronze”, mas vários, aos quais a forma de um círculo particular pode se ligar. Porém, lembrando que estamos na esfera dos seres sensíveis sujeitos à geração e ao perecimento, onde a forma é inseparável de alguma matéria (Met. E(VI) 1 1025 a28-30).

Ainda permanece um problema, pois para que algo se determine e ganhe independência (não ser incluído em outra coisa), parece que isso seria

garantido por meio da matéria, pois uma matéria não pode ser inclusa em outra, pois já é matéria, mesmo que em princípio disforme. Parece que a forma, ao contrário, pode ser elemento de atribuição a diversas matérias. É certo que há o requisito o referente ao conhecimento, ou à determinação, ou à revelação da essência de algo. Tal requisito jamais pode se ligar à pura matéria, pois ela por si mesma é indeterminada, em oposição à forma; esta sim seria objeto de conhecimento ou aquilo que permitiria conhecimento. Mas a forma não parece ainda por si mesma ganhar independência por completo ou ser expressão de toda definição de algo.

Substância e composto forma e matéria

A substância de algo não pode se reduzir principalmente à sua matéria, mas ainda continua difícil reduzi-la, sobretudo, à sua forma ou essência. Aristóteles coloca em questão se a substância não seria resultado da junção forma e matéria, pois isso poderia garantir a determinação graças à forma e a independência exigida pela substância. Além de ter um ganho extra, a individuação dos seres.

Tomar o composto de forma e matéria como substância também traria dificuldades (*Met. Z(VII) 3 1029 a30 et. seq.*), por exatamente tratar-se de um composto, o que se opõe à noção de substância, que antes deve ser algo de caráter simples, referente à unidade e ter caráter primordial. Matéria e forma não são criadas no processo de determinação de algo, quando surge um ser, ao contrário do composto, que depende previamente de outras causas.

Além disso, apesar da suposta capacidade de tornar algo exclusivo, incluir a matéria como elemento essencial para a substância seria o mesmo que incluir o indeterminado naquilo que deve ser um ápice em termos de determinação.

Por fim, ao contrário da posição explícita em defender o indivíduo como substância em sentido estrito, na *Metafísica* (que temos mais certeza sobre sua autenticidade), não há ênfase na simples individuação como expressão de substância.

Substância e forma

Pelo menos pela via negativa, ao se eliminar o caráter de substância apenas a partir da matéria ou ao composto de matéria e forma, Aristóteles tende a considerar a forma como a principal representante da causa substância. A matéria depende da forma, de atrair alguma forma; a forma depende de matéria, mas pode associar-se a diversas matérias, sem depender essencialmente de uma matéria em específico⁵¹. Também é possível retirar porções da matéria de algo, sem que a forma desapareça; pode-se mudar partes de “uma casa”, extraíndo ou retirando-lhes partes, sem que ela deixe de ser considerada “uma casa”. A forma ou causa formal seria o representante mais próximo do ser ou da substância.

“[...] este material é uma casa: por quê? Porque está presente nele a essência da casa. E se pesquisará do seguinte modo: por que esta coisa determinada é homem? Ou: por que este corpo tem estas características? Portanto, na pesquisa do porquê busca-se a causa da matéria, isto é, a forma pela qual a matéria é algo determinado: e esta é, justamente, a substância” (Met Z (VII) 17, 1041 a7-9 – sem grifos no original).

Nota-se que, no que diz respeito à causa, a forma tem prioridade em relação à matéria. Aristóteles mostra que a algo não é explicado também apenas pela soma ou agregação dos seus elementos matérias; não é a mera junção de pedras e de tijolos que faz com que algo seja definido ou se torne o que é (Met Z (VII) 16 e 17). A forma é que explica, define e causa as coisas de forma primordial. Por exemplo, a forma casa tem prioridade para definir o que é a casa. A metafísica é investigação sobre causas e princípios primeiros,

⁵¹ A matéria também pode receber diferentes formas. Mas o que está em questão é, sobretudo, a prioridade de algo em relação à causa da substância, e acerca disso a matéria se torna secundária, já que, por si mesma, é primordialmente indeterminada, o que a torna mais dependente de outra causa.

que passou a ser investigação sobre o ser e sobre a substância. Se a forma é uma causa ainda mais primeira, tudo indica que ela seja a substância.

O impasse sobre as formas

As formas ganharam prioridade enquanto causa dos seres ou das substâncias. Mas grandes dificuldades permanecem, que devemos apontar, apesar de não sermos capazes neste módulo de resolvê-las. Aristóteles dá novo sentido à noção de forma, distinto das Formas platônicas, já que ele procura trazer formas adequadas aos supostos seres do plano sensível. Elas não deveriam mais algo distante de tais seres, mas deveriam manter a definição e a base de conhecimento exigida por algo que se caracteriza como ser ou como substância (algo real, uno e permanente).

Quando se trata de conhecimento racional ou, em sentido aristotélico, de ciência, realmente se busca extrair o aspecto estável de algo, ou sua essência ou ainda aquilo ele tem de necessário⁵². As formas deveriam servir de elo para a realização do conhecimento dos seres. Porém, quando se trata de conhecimento científico, Aristóteles também pensa em um tipo de universalidade, pois o que há de fixo nas coisas tende ser uma universalização.

A forma, causa primordial dos seres, seria também o caminho para entendê-los, por exemplo, a forma “homem” presente em “Sócrates” seria também fonte de conhecimento acerca de algo deste indivíduo. A forma homem não é algo exclusivo de “Sócrates”, pois expressa também a essência de “Cálias”, os quais se distinguiriam apenas graças à matéria, como afirma o filósofo:

“[É] evidente que não se deve pôr as formas como paradigmas [...], mas é suficiente que os ser gerador aja e que seja causa da realização da forma na matéria. O que resulta, enfim, é uma forma de determinada espécie realizada nessas carnes e ossos:

⁵² Como afirma Aubenque (2012, p. 465), a ciência é o pensamento estabilizador.

por exemplo, Cálías e Sócrates; e eles são diferentes pela matéria (ela é diversa nos diversos indivíduos), mas são idênticos pelas forma (a forma, de fato, é indivisível)” (Met. Z(VII) 8 1034 a 5-7).

Todavia, Aristóteles nega que os universais possam ser substância, mas ele considera as formas indivisíveis e a distinção entre os indivíduos em função da matéria de cada um. Assim, surge a questão de como os seres sensíveis podem ser definidos por meio das formas, permitindo que haja conhecimento acerca de tais seres, mas sem que eles seja caracterizados, enquanto seres, por universais.

Uma saída para seria entender que as formas não seriam universais gênero, e sim como algo mais próximo de um conceito de espécie, com determinações menos gerais do que no caso do gênero; este sim com a característica de reunir diversas coisas sobre sua noção. Poderia ser dito que, para Aristóteles, um ser não será mais algo como o suposto “homem em si” ou o “cavalo em si”, mas “Sócrates”, que contém atributos que definem sua essência, como “ser humano, bípede, racional etc.”, até que se circunscreva a totalidade dos seus predicados essenciais. O suposto “Ser humano em si” não seria substância, mas algo ligado a “Sócrates”, e não apenas porque este porta generalidades, como “ser animal”, mas por se enquadrar nesse gênero e em outros que se distinguem deste, como “ser bípede” e, a partir disso, “tem dez dedos” e assim por diante, até sintetizar suas propriedades propriedades (Met. Z(VII) 12). Ao tecer tais especificidades (o gênero e as diferenças), podemos chegar ao ser de “Sócrates” ou à substância que o expressa. Essas formas particulares é que podem causar os seres deste mundo. Mas não parece viável defender que o processo de diferenciação chegue ao ponto de revelar um indivíduo em sentido estrito, definido sem ser uma generalidade e passível de conhecimento.

É muito difícil encontrar resposta acerca das formas, se seriam um tipo de generalidade, sem expressarem um modelo universal, como o gênero, ou se expressariam realmente algo individual, podendo ser consideradas

formas individuais. Não precisamos aqui encontrar uma saída, mas podemos apontar algumas observações.

Forma, matéria, ser e conhecimento

Vale lembrar que estamos no campo dos seres sensíveis, ligados à matéria. Aristóteles mantém a noção de forma, mas busca evitar as Formas transcendentais platônicas, pois as formas dos seres sensíveis estariam entre eles. De fato, uma forma particular, como a de “Sócrates”, não é criada, mas *transmitida* para uma matéria. A forma particular é transmitida por outro particular, pois um artesão, apesar de ter certa universalidade em mente, faz com que surja “esta forma” particular numa porção de matéria; os pais de “Sócrates”, também dotados com suas respectivas formas, fazem com que surja um ser particular, e não o Ser humano. Uma árvore permite que surja outro membro da sua espécie, não a Árvore (*Met. Z(VII) 7*). E são tais formas (particulares) que também abandonam a matéria quando algo desaparece. Tais formas são do mundo sensível.


A forma é o que mais revela o “porquê” ou a causa no que diz respeito à substância ou com maior propriedade o ser. Entretanto, ela não opera isoladamente. Dificilmente pensamos a forma sem matéria, apesar de podermos num limite apartar, também intelectualmente, a forma da matéria. De fato, quando se busca conhecer a essência de algo, busca-se atingir sua forma, a qual entraria na parte da alma que permite tal conhecimento. A forma por si só não pode subsistir, pois precisa de uma matéria para se instaurar. Dentro das prioridades indicadas (lógica, ontológica, epistemológica), a maior dificuldade é sustentar a primazia com respeito à existência das formas, já que aparentemente nisso a matéria parece se sair melhor. Entretanto, as formas garantem melhor a definição (essência) e o conhecimento das coisas, e isso fornece mais argumentos para que elas sejam consideradas as melhores representantes da causa das substâncias, dos seres, e por isso elas ainda devem ser melhor expressão da causa das coisas existirem como existem ou de serem como são.

O conhecimento científico se liga a algum tipo de universalidade, como a “humanidade”. Mas esta depende de alguma porção de matéria para que venha a existir no mundo. A substância, no entanto, ainda tem como causa primeira a forma, e não a matéria e muito menos o composto de ambas.

De fato, o indivíduo não é forma por completo, mas sempre um processo de domínio da matéria (inicialmente indeterminada), por parte da forma, que revela a essência do indivíduo. Mesmo que a forma seja compartilhada com outros indivíduos, como vimos, isso não significa que eles não tenham o caráter de substância, ao menos em parte; eles apenas não são seres realizados por completo⁵³, pois têm matéria, que por sua vez impede um conhecimento perfeito sobre os mesmo, já que o objeto não permite tal saber.

Podemos, então, lembrar o primeiro capítulo de Met A(I), quando o autor afirma que realmente aqueles que têm experiência podem ser bem sucedido em suas atividades, como no caso do médico empírico, que se volta mais aos casos particulares (“Sócrates” e “Cálias”, não ao “ser humano”). As pessoas dotadas de empiria podem ter mais sucesso em suas atividades, com fim prático, do que aqueles que se voltam mais às coisas abstratas ou às causas de algo, mas estes possuem mais saber. A ciência mais teórica, mais voltada à causa do seres, se referiria mais às formas, de modo semelhante ao médico teórico, que tem em vista principalmente o “ser humano”. A sabedoria, que pode vir a se filosofia (geral?), enquanto processo de ir em direção às causas, também seria aprimorada ao identificar da maneira mais adequada as formas.

⁵³ Ao contrário dos seres móveis eternos ou o ser imóvel eterno, que são ato puro em oposição à potência. No caso do ser mais elevado, ele seria forma pura, sem matéria.

	<p style="text-align: center;">NESTA UNIDADE VOCÊ VIU</p> <ul style="list-style-type: none">- Ser e substância- Forma e matéria- Substância e causa- O problema referente às formas
---	---

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi estudado, é possível perceber por que aquilo que se encontra na *Metafísica* de Aristóteles parece exibir um pensamento em construção. Buscamos uma forma de fornecer unidade a parte dos textos que estão nessa obra.

No primeiro livro dessa obras, o livro A(I), o filósofo começa pela busca por uma ciência que tenha o objeto mais nobre, referente às causas e princípios primeiros. Ele então passa a se enveredar pelas causas, que já começara a desenvolver na sua *Física*. As explicações científicas (ao menos a maioria) deveriam se enquadrar no grupo das quatro causas ou pelo menos em alguma dentre elas.

O autor passa à análise dos seus antecessores, os pré-socráticos e Platão. Realiza esse retorno para comprovar que ninguém dentre eles avançou para além dos quatro tipos de causa e para assentar o seu próprio pensamento acerca de tal modelo de explicação.

Em certo ponto, Livro Γ (IV), é invocada a investigação acerca do *se enquanto ser* como tarefa central da própria filosofia, o que parece ser uma investigação distinta a invocada por em *Met.* A(I). Porém, a partir da exposição parcial acerca das categorias, a investigação sobre o ser se torna a investigação sobre a (categoria da) substância, que ser viria de referencial último de todas as predicções como um significado focal. Apesar do tom predominantemente lógico de *Met.* Γ (IV), ele serviu para mostrar que o caminho da investigação para o ser passa pela investigação acerca da substância.

Em seguida, *Met.* Z(VII) tem um início semelhante ao de *Met.* Γ (IV), mas inclui em boa parte a investigação sobre as causas da substância, mostrando o impasse acerca da primazia perante a substância ente a matéria, a forma, o composto de matéria e forma e mesmo os universais. Aristóteles negara a substancialidade dos simples universais e gêneros. A matéria deveria ser inclusa na apresentação da substância, mas não na definição da mesma, o que eliminaria o caráter de substância do composto, também

dotado de matéria. Os seres sensíveis receberiam a qualificação de seres principalmente graças às formas.

No início da *Metafísica*, o autor invoca o desejo natural humano pelo saber, algo que tem raiz mais profunda, já nas percepções “desinteressadas”, cujo fim não vai além do próprio perceber, como no caso da visão. Tendo essa ideia como ponto de partida é que Aristóteles parece ter chegado à investigação sobre o ser, que se tornou investigação acerca da substância. O estudo metafísico dentro do pensamento de Aristóteles parece de fato ser o estudo que mais representa o próprio sentido de filosofia, mas seria arriscado de nossa parte identificá-los por completo. Em Aristóteles, a filosofia é o que mais expressa a investigação científica por ser o conhecimento das coisas mais elevadas e por ser estritamente teórica.

Vale lembrar que este é apenas um guia de estudos e uma proposta de interpretação referente a um tema da filosofia aristotélica. Enquanto um guia, ele não se propõe a substituir a tarefa primordial e mais interessante de leitura da obra do próprio autor. Para quem desejar se aprofundar mais no que foi acima apresentado e em outros temas da metafísica aristotélica, confira a bibliografia ao final deste texto.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, tradução, sumário e comentário, por G. Reale, em 3 vols. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____, *Coleção Os Pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ANGIONI, L., *As noções aristotélicas de substância e essência*. Campinas: Editora UNICAMP, 2008.

AUBENQUE, P. *O problema do ser em Aristóteles*, Trad. Cristina de S. Agostini e Dioclézio D. Faustino . São Paulo: Ed. Paulus, 2012.

BARNES, J., *Filósofos Pré-socráticos*. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____, *The Cambridge companion to Aristotle*, Cambridge University Press, 1995.

CHAUÍ, M., *Introdução À história da Filosofia, Vol. 1: Dos Pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

IRWIN, T., *Aristotle's First Principles*. New York: Oxford University Press, 1988.

LEAR, J., *Aristóteles: o desejo de entender*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.

ROSS, D., *Aristotle*. New York: Routledge, (1923) 1995.

ZINGANO, M., (org.) *Sobre a metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.